



CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROGRAMA CENTRO ABERTO: COMPARAÇÕES ENTRE 2014 E 2024 (SESSÃO TEMÁTICA 1).

Wellington Tohoru Nagano

Universidade de São Paulo | nagano@usp.br

Priscila Soares Batista

Universidade de São Paulo | psbatista@usp.br

Sessão Temática 1: Produção do espaço urbano e regional

Resumo: Entre 2014 e 2017 a Prefeitura de São Paulo realizou o Programa Centro Aberto, com o objetivo de avaliar intervenções estruturais em cinco áreas centrais através de estratégias de ativação do espaço público usando mobiliário portátil, atividades culturais e ações de baixo custo. Antes da implantação do programa, foram realizadas oficinas entre os técnicos e especialistas para discutir a estratégia de implantação. Assim que foram implantados, as áreas foram um sucesso em atrair pessoas, pois estimulavam usos até então inexistentes ou escassos, como parquinho e áreas para sentar. Representou mudança na abordagem municipal, ao colocar o pedestre como centro das estratégias de requalificação urbana. Além disso, o programa realizava pesquisas com os frequentadores para avaliar a pertinência das intervenções. Através de estudos de caso, relatórios técnicos e avaliação em campo, busca-se compreender o estado destas intervenções após 10 anos ter sido começado. Observa-se que descontinuidade administrativa resultou em alterações na gestão, com a maioria deles enfrentando problemas de depredação, abandono ou utilização para canteiro de obras.

Palavras-chave: urbanismo tático; espaço público; espaço livre; requalificação urbana.

CONSIDERATIONS ABOUT PROGRAMA CENTRO ABERTO: COMPARISONS BETWEEN 2014 AND 2024.

Abstract: Between 2014 and 2017, the São Paulo City Government implemented the Programa Centro Aberto, with the aim of evaluating structural interventions in five central areas through strategies to activate public spaces using urban furniture, cultural activities, and low-cost actions. Before the program was implemented, workshops were held between technicians and specialists to discuss the implementation strategy. Once implemented, the areas were a success in attracting people, as they encouraged uses that were previously non-existent or scarce, such as playgrounds and seating areas. It represented a change in the municipal approach, by placing pedestrians as the center of urban requalification strategies. In addition, the program conducted surveys with visitors to assess the relevance of the interventions. Through case studies, technical reports, and field evaluations, the program seeks to understand the status of these interventions 10 years after they were initiated. It was observed that administrative discontinuity resulted in changes in management, with most of them facing problems of vandalism, abandonment, or use as construction sites.

Keywords: tactical urbanism; public space; open space; urban requalification.

CONSIDERACIONES SOBRE EL PROGRAMA CENTRO ABERTO: COMPARACIONES ENTRE 2014 Y 2024.

Resumen: Entre 2014 y 2017, el Ayuntamiento de São Paulo llevó a cabo el Programa Centro Aberto, con el objetivo de evaluar intervenciones estructurales en cinco áreas centrales mediante estrategias de activación del espacio público, utilizando mobiliario portátil, actividades culturales y acciones de bajo costo. Antes de la implementación del programa, se realizaron talleres con técnicos y especialistas para discutir la estrategia de implementación. Una vez implementadas, las áreas lograron atraer a las personas, ya que promovieron usos hasta entonces inexistentes o escasos, como parques infantiles y zonas para sentarse. El programa representó un cambio en los enfoques municipales al poner al peatón en el centro de las estrategias de recalificación urbana. Además, se realizaron encuestas entre los usuarios para evaluar la pertinencia de las intervenciones. A través de estudios de caso, informes técnicos y evaluaciones de campo, se busca entender la situación de estas intervenciones después de 10 años de su inicio. Se observa que la discontinuidad administrativa resultó en cambios en la gestión, con la mayoría de estas áreas enfrentando problemas de depredación, abandono o uso como sitios de construcción.

Palabras clave: urbanismo táctico; espacio público; espacio libre; recalificación urbana.

INTRODUÇÃO

Assim como diversas cidades, o Centro Velho¹ da cidade de São Paulo teve mudanças ao longo de décadas. Se antes tinha a presença das classes mais ricas, do poder político e do capital econômico, o centro passou por um longo declínio populacional e hoje é caracterizado como uma região com sede de repartições públicas, escritórios, comércio varejista popular e com diversos imóveis desocupados ou ocupados precariamente por movimentos de moradia.

As alterações sociais e econômicas são refletidas nos espaços livres. Se antes as praças, largos e ruas do Centro Velho eram caracterizadas pela heterogeneidade de frequentadores e pujança, passaram a ser vistas como locais decadentes e sem visibilidade política, com baixa manutenção e até mesmo abandono pelo Poder Público.

Propõe-se aqui a discussão do Programa Centro Aberto como política pública para requalificação do espaço público. O programa inicial propôs a requalificação de cinco espaços públicos de São Paulo entre 2013 e 2017, por meio de ações de baixo custo, de rápida aplicabilidade, baixo impacto e, alguns casos, de forma efêmeras, com objetivo de incrementar a permanência nas áreas centrais e serem bases para ações mais estruturais.

Através da revisão bibliográfica, contextualização das políticas públicas, relatórios técnicos, visita em campo e relatos de técnicos que participaram da implementação do programa, busca compreender o Programa Centro Aberto dentro de uma concepção de valorização do espaço público, de qualificar áreas residuais ou ociosas, a partir da ideia que o pedestre é um dos principais agentes de transformação das áreas centrais. Também pretende refletir sobre a situação do programa após dez anos ter sido implantado.

Para a compreensão do Programa Centro Aberto como política pública de valorização do espaço público, é usada a conceituação de Hannah Arendt (2007) e Eugênio Queiroga (2012) que o espaço público é o local da mediação dos conflitos, dos diferentes, encontro entre estranhos e de comunicação, onde tudo pode ser visto, ouvido pelo maior número possível de pessoas. Como um palimpsesto, o espaço público acumula dimensões e formas ao longo da história e, se antes eram presentes principalmente junto às igrejas, palácios governamentais e mercados, além das ruas, hoje ganha novas dimensões em áreas como praças corporativas, calçadões, remanescentes de lotes ou obras de infraestrutura, e áreas que foram planejadas para uso mais restritos, como estacionamentos ou áreas técnicas. Há também a mudança de redução do sistema viário para priorizar mais os pedestres e estimular a permanência.

Neste âmbito, um dos casos mais recentes e notórios é a transformação da Times Square, em Nova Iorque, em um espaço de permanência e de valorização do pedestre. Em 2008, a comissária do Departamento de Transporte, Janette Sadik-Khan, propôs que a intersecção entre as Ruas 42 e 47 fosse fechada para veículos, e que mobiliário urbano como bancos e vasos fossem colocados no lugar. A proposta de usar mobiliários efêmeros era avaliar a aceitação dos frequentadores do local com as intervenções e o impacto no trânsito local (GDCl, 2018) e como etapa anterior a requalificação mais estrutural do local.

As intervenções na Times Square não foram as pioneiras, mas uma das mais conhecidas pelo caráter simbólico do lugar, talvez uma das esquinas mais conhecidas do mundo. Na própria Nova Iorque, intervenções semelhantes já tinham sido realizadas pelo Departamento de Transporte na Herald Square, além da implantação de mais de 320 ciclofaixas pela cidade (OUROUSSOFF, 2009).

Se antes as calçadas eram inadequadas para o volume de pedestres, a substituição de vias carroçáveis para ampliação da circulação e permanência de pessoas possibilitou outros usos e a topografia de Manhattan, plana, e com vias largas, possibilitaram também que fosse implantado ciclovias e “Ruas de verão”, quando as vias eram fechadas para veículos nos domingos, e livre para pedestres e ciclistas utilizarem ela (GEHL, 2015).

INÍCIO DO PROGRAMA CENTRO ABERTO

Em 2013 teve início um debate na prefeitura de São Paulo sobre os espaços públicos do centro da cidade, resultando no relatório “Centro, Diálogo Aberto”. Esse relatório foi resultado de três oficinas públicas com o objetivo de desenvolver o projeto de “Requalificação” das áreas centrais da cidade de São Paulo, por meio de intervenções temporárias. O objetivo dessas intervenções era incentivar a apropriação dos espaços, observando as ações e reações dos usuários para possibilitar a implantação de intervenções permanentes (SÃO PAULO, 2013).

Os seminários foram realizados em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Licenciamento (SMUL), a Subprefeitura Sé e São Paulo Urbanismo, contando com a participação de servidores públicos, especialistas, moradores e estudantes. Coordenando os debates estavam Fernando de Mello Franco, secretário da SMUL; Marcos Barreto, subprefeito da Sé; Juca Ferreira, Secretário de Cultura; Gustavo Partezani, diretor de Desenvolvimento da São Paulo Urbanismo; além dos consultores da Gehl Architects: Helle Sørholt e David Sim. A administração da época tinha como prioridade a requalificação da área central, e os seminários foram utilizados como ferramentas para tornar participativa a discussão sobre as diretrizes das intervenções públicas (SÃO PAULO, 2013).

Durante a oficina, foram formadas 11 equipes multidisciplinares, cada uma encarregada de um espaço, com o objetivo de analisar e apresentar hipóteses de intervenção. Foram estabelecidas as seguintes etapas:

- Identificação de problemas e potencialidades da área central com uso de post-it rosa e verde, respectivamente. Após discussões, cada grupo pré-selecionou 3 problemas e 3 potenciais para compartilhar no grande mapa.
- Levantamento de campo.
- Elaboração de hipóteses de transformação por meio de debates e projetos.

Os locais pré-escolhidos para a avaliação foram: Largo São Francisco, Caixa Cultural/Praça da Sé, Rua Boa Vista com Rua General Carneiro, Ladeira Porto Geral com Rua 25 de Março, Viaduto Santa Ifigênia, Viaduto do Chá, Vale do Anhangabaú com Avenida São João, Largo do Paissandú, Rua Barão de Itapetininga, Rua Basílio da Gama e as Galerias do Centro Novo².

Essas áreas apresentavam configuração distinta na década de 1970, quando começou a implementação dos calçadões na área central como uma resposta para os veículos e pedestres (BARRETO, 2000). Naquela época, os calçadões contavam com bancos e espaços que estimulavam a permanência (Figura 1). (SÃO PAULO, S/D). Ao longo dos anos, questões como a descontinuidade na gestão, a necessidade de manutenção e até mesmo o argumento de que os espaços possuíam alto fluxo e o mobiliário urbano dificultava a circulação levaram à retirada de vários desses elementos (GONÇALVES, 2020).

Figura 1



Rua Senador Paulo Egídio, em 1977. Nota-se a ocupação de todos os bancos e a movimentação de pessoas.
Fonte: São Paulo (s/d).

Foram selecionados 12 critérios para avaliar a qualidade dos espaços, divididos em três categorias: proteção, conforto e prazer. O método de avaliação consistiu em definir as reações que cada espaço provocava, representadas por meio de desenhos de "carinhas", indicando se estavam felizes, indiferentes ou tristes (SÃO PAULO, 2013).

Na categoria proteção, foram abordados três eixos para análise: proteção contra o trânsito motorizado, com o levantamento dos acidentes de trânsito, poluição atmosférica e sonora e visibilidade entre motoristas e pedestres; proteção contra crime e violência, através da verificação se o local é bem iluminado, se permite vigilância passiva e se há heterogeneidade de usos; e proteção contra experiências sensoriais negativas, como vento, chuva, clima, poluição, excesso de luminosidade, barulho e poeira (SÃO PAULO, 2013).

A categoria conforto foi relacionada a itens que estimulam o pedestre a ficar no local, se é convidativo para caminhar, parar e sentar, se possui visibilidade e atividades diurnas e noturnas. Também analisa o entorno dos espaços, se havia diversidade de fachadas e usos, iluminação na escala do pedestre, possibilidade de atividades distintas no mesmo espaço, acessibilidade, variabilidade de atividades ao longo do ano, entre outros (SÃO PAULO, 2013).

Por último, a categoria prazer buscava avaliar a relação do pedestre com o espaço público, por meio de aspectos sensoriais proporcionados pela relação dos edifícios com o espaço livre e a influência no comportamento, aspectos climáticos e se havia design mobiliário de qualidade, bem cuidado e resistente (SÃO PAULO, 2013).

Ao final, para obter uma visão geral das áreas avaliadas, os resultados foram triangulados. Os principais desafios estavam relacionados à categoria de proteção, envolvendo o medo do crime e da violência. Além disso, na categoria de conforto, 10 dos 11 grupos classificaram os espaços como "pouco convidativos para sentar". Por outro lado, a categoria de prazer foi a mais bem avaliada, indicando que os espaços são adequados para a escala humana (SÃO PAULO, 2013).

Na última etapa, os debates e projetos foram o foco, com uma variedade de materiais utilizados, desde mapas, desenhos e croquis até frases, fotografias e colagens, para permitir a participação multidisciplinar. Os grupos receberam fotografias de espaços públicos de outras cidades considerados bem-sucedidos, a fim de representar o conceito e a atmosfera que gostariam de trazer para cada área. As propostas foram categorizadas com post-its azuis para representar o "hardware", ou seja, propostas relacionadas à intervenção no espaço físico. Já os post-its amarelos indicavam o "software", ligado ao uso e gestão (SÃO PAULO, 2013).

No final, a avaliação foi realizada pelos técnicos da São Paulo Urbanismo, que selecionaram as propostas mais relevantes. Por meio de um sistema de votação referente à etapa 1, identificaram os principais problemas e potenciais da área central. A avaliação foi finalizada com um debate em torno de um grande mapa, onde cada participante votou no local que considerou mais estratégico para receber o projeto preliminar (SÃO PAULO, 2013). No entanto, o relatório não deixou explícito quais critérios cada participante utilizou para a votação. As áreas escolhidas para a fase de testes não eram necessariamente as piores ou melhores entre os pontos avaliados, mas possivelmente por serem as mais estratégicas e fáceis de implantar, de forma rápida, com resultados mais visíveis.

De acordo com a publicação do relatório intitulado "Centro Aberto: Experiência na Escala Humana" lançado em 2015. Foram selecionadas duas áreas para piloto: o Largo São Francisco/Praça do Ouvidor Pacheco e Silva; e o Largo do Paissandu/Avenida São João. As estratégias de implementação foram a proteção e priorização de pedestres e ciclistas, por

meio de implementação de sinalização e ciclofaixa; suportes à permanência nos espaços públicos através da instalação de mobiliário urbano para descanso e lazer; e novos usos e atividades comerciais, culturais e esportivas ligadas à implantação dos pilotos (SÃO PAULO, 2015).

As coletas de dados foram realizadas antes e durante a intervenção, com pesquisas quantitativas e qualitativas, visando analisar as mudanças no comportamento dos usuários através de quatro categorias: aumento de atividades, número de pedestres, menos travessias fora da faixa e entrevistas para compreender os usos do local e a percepção de segurança (SÃO PAULO, 2015).

A Fase Teste foi oportunidade para apresentar as propostas do setor público aos usuários e receber o retorno da população, convidando a colaborar com o programa. Durante dois meses, uma equipe de pesquisa da organização não-governamental (ONG) Cidade Ativa realizou pesquisas de campo e entrevistas. Era parte do programa a presença do operador do espaço, responsável pela manutenção, monitoramento, operação do mobiliário portátil e apoio às equipes de campo (SÃO PAULO, 2015).

A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA 2014-2017

As análises aqui apresentadas são as implantadas pelo Programa Centro Aberto entre 2014 e 2017: Largo General Osório, Largo do Paissandu, Largo São Bento, Largo São Francisco e Rua Galvão Bueno. Dois deles estão localizados no Centro Velho: Largo São Bento e Largo São Francisco, um no Centro Novo: Largo do Paissandú, enquanto o Largo General Osório e Rua Galvão Bueno estão contíguos ao Centro Velho (Figura 2).

Figura 2



Locais de Intervenção do Programa Centro Aberto.
Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

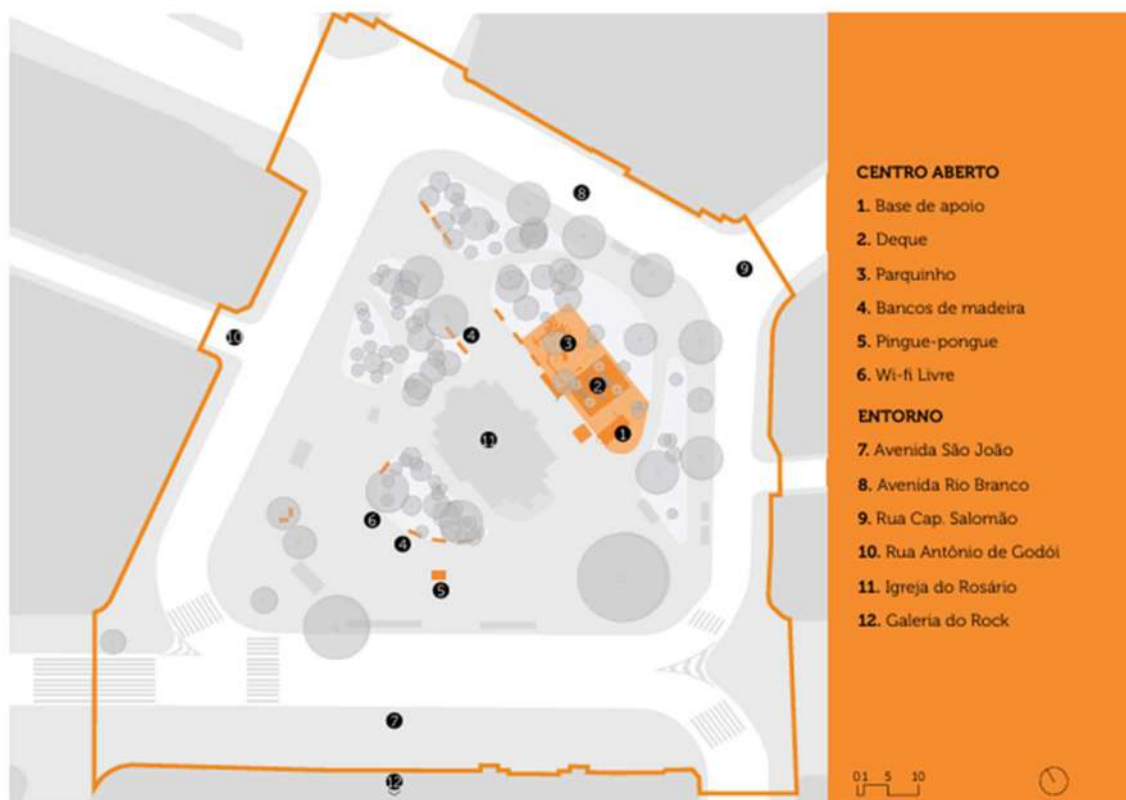
As avaliações foram baseadas nos Relatórios que a SMUL e São Paulo Urbanismo fizeram para as cinco áreas e publicados em novembro de 2017. São pesquisas, entrevistas e análises realizadas em campo para avaliação de cada área junto com os frequentadores, moradores e comerciantes do entorno.

LARGO DO PAISSANDÚ - 2014

A implementação do Programa Centro Aberto no Largo do Paissandú ocorreu em duas etapas: a primeira entre setembro e dezembro de 2014, denominado Fase Teste, e a partir de 2015 quando inaugurou oficialmente. Segundo o Relatório Centro Aberto – Largo do Paissandú, o local era inseguro e apresentava pouca manutenção. Apesar disso, havia um fluxo considerável de pedestres, porém sem incentivos à permanência (SÃO PAULO, 2017b).

O Largo do Paissandú (Figura 3) possui circulação significativa de pedestres devido às paradas de ônibus, mas carecia de incentivos para a permanência. Portanto, o foco da fase teste era promover uma melhor qualidade de espera, além de novas atividades e circulação de pedestre mais segura, considerando a intensa movimentação de carros e ônibus ao redor da praça. Para isso, foram previstas faixas horizontais desde o Largo do Paissandú ao longo da Avenida São João, além de balizadores de trânsito, vasos e plantas, monólitos de granito, paraciclos e bicicletas compartilhadas. Também foram implementadas faixas em diagonal nos cruzamentos e a ampliação do canteiro em frente à Morada São João, transformando-o em uma praça com a implantação de bancos, equipamentos de ginástica e mobiliário portátil (SÃO PAULO, 2017b).

Figura 3



:Localização das intervenções do Programa Centro Aberto no Largo do Paissandú e na Avenida São João. Observa-se que a Igreja do Rosário (nº 11) é uma barreira de visualização das intervenções do programa para aqueles que estão na Avenida São João.

Fonte: São Paulo (2017b).

Em parceria com a Secretaria de Cultura, foram realizadas atividades culturais, como rodas de samba, dança, teatro de rua e oficinas para crianças, além de empréstimos de livros, mediação de leituras e contação de histórias (SÃO PAULO, 2017b).

Segundo o relatório, a proposta visava ativar o espaço, principalmente para aqueles que frequentam o entorno imediato, "tornando-o mais atrativo, seguro e democrático" (SÃO PAULO, 2017b). Para isso, foram instalados bancos nos abrigos de ônibus, adequação da iluminação e pintura das estruturas.

A avaliação do SMUL/São Paulo Urbanismo destacou o sucesso da apropriação do parquinho pelas crianças e o uso respeitoso das cadeiras de praia. A instalação de Wi-Fi público e gratuito atraiu novos usuários e melhorou a percepção do conforto e segurança, por meio de iluminação adequada ao pedestre (SÃO PAULO, 2017b).

Foram instalados banheiros químicos para prover locais adequados para higiene e reduzir o mau cheiro de fezes e urina na praça. No entanto, essa estratégia se revelou inadequada a longo prazo, devido a casos de vandalismo e à dificuldade de manutenção do banheiro químico (SÃO PAULO, 2017b).

Na fase de projeto definitivo foram realizadas adaptações, incluindo a reforma do deque de madeira (Figura 4). O número de bancos foi ampliado, com base nos resultados das pesquisas da Fase Teste, especialmente onde o sinal do Wi-Fi era mais forte. O parquinho foi reformado, com a instalação de brinquedos mais resistentes e uma nova mesa de ping-pong, replicando o sucesso da estratégia no Largo São Francisco (SÃO PAULO, 2017b).

Figura 4



Nota-se que a implantação ocorreu ao fundo da igreja, longe do acesso da mesma.
Fonte: São Paulo (2017b).

O resultado foi um aumento da permanência nos dias úteis. Antes das intervenções, em 2013, a média de frequentadores por hora era de 148 pessoas. Na Fase Teste, em 2014, subiu para 187; e após a implantação do projeto definitivo, atingiu 242, representando um crescimento

de 63,5% durante os dias úteis. Nos finais de semana, a situação foi diferente. Em 2013, a média era de 152 frequentadores por hora, que caiu para 133 em 2014 durante a Fase Teste e subiu para 201 após o projeto definitivo (SÃO PAULO, 2017b).

Antes da intervenção, havia uma clara demanda por lugares para sentar, com usuários utilizando espaços improvisados. Após as melhorias, o número de pessoas usando assentos adequados dobrou durante os dias úteis e aumentou cinco vezes nos finais de semana. No entanto, o uso de locais improvisados ainda era significativo, especialmente nas áreas com Wi-Fi gratuito e sob as árvores, onde a quantidade de bancos é insuficiente, levando os usuários a utilizarem muretas como assentos improvisados (SÃO PAULO, 2017b).

Após 2017, notou-se uma diminuição de 70% na permanência de crianças durante a semana, possivelmente relacionada às reintegrações de posse ocorridas em algumas ocupações ao redor. Em contrapartida, a média de permanência nos finais de semana permaneceu estável. Em relação à diversidade de gênero, o relatório apontou uma presença majoritária de homens, especialmente na faixa etária de 31 a 64 anos, com uma relação de 76% de público masculino e 24% feminino. As mulheres, em sua maioria, apenas transitam pelo espaço, exceto na área do parquinho infantil, onde a presença feminina é mais significativa. As áreas do deque e do parquinho apresentaram usos mais equilibrados entre os gêneros (SÃO PAULO, 2017b).

As principais atividades identificadas entre os frequentadores foram individuais, como descanso e uso de celular, sendo a área do parquinho e do deque as únicas para interações sociais, embora essas áreas fossem as menos ocupadas durante os dias úteis. Apesar de um dos objetivos do programa era promover a sociabilidade entre os frequentadores, na prática constatou a realização de atividades individuais, com poucas manifestações de esfera pública, pois não há interação entre os frequentadores.

O aumento das atividades após a implantação do programa sugere que a intervenção foi bem recebida pelos frequentadores, destacando a prática de capoeira nas manhãs de sábado como uma iniciativa dos próprios frequentadores (SÃO PAULO, 2017b).

Ocorreram atividades culturais nos primeiros meses, como apresentações de teatro, shows e feiras gastronômicas, contribuindo para a revitalização do espaço e de atração de pessoas. Essas iniciativas estavam em sintonia com o entorno, que incluía a Galeria do Rock, Galeria Olido, cinemas, circo e etc. Posteriormente as atividades culturais foram encerradas e houve redução no número de frequentadores. Observa-se que houve a descontinuidade na gestão de atividades culturais, com seu encerramento precoce antes do local se consolidar como polo cultural.

70% dos entrevistados avaliaram a experiência como positiva, considerando o projeto um espaço adequado para permanência e circulação. Contudo, a sensação de insegurança ainda é um problema, com o Largo do Paissandú recebendo as avaliações mais negativas entre os integrantes do Programa Centro Aberto (SÃO PAULO, 2017b).

Os elementos mais bem avaliados pelos frequentadores foram os mobiliários, as oportunidades de convivência e o parquinho. Por outro lado, os frequentadores desejavam melhor segurança, mais atividades culturais e limpeza do local (SÃO PAULO, 2017b).

As entrevistas realizadas com os comerciantes do local apresentaram opiniões divididas. As avaliações negativas foram atribuídas à permanência de pessoas em situação de rua, que aparentemente aumentou após a intervenção, enquanto o faturamento dos comerciantes não aumentou após a implementação do projeto. Em 2017, as impressões negativas sobre o projeto aumentaram, com 33% dos comerciantes avaliando como "ruim" (SÃO PAULO, 2017b).

Durante os horários em que a monitoria não estava em operação, a área tornava-se menos convidativa, pois o mobiliário portátil era retirado. Sem a presença de sombras, a permanência no local depende da intensidade do sol, o que pode ser desconfortável.

A falta de continuidade no programa impactou significativamente a permanência no espaço, já que a ausência de mobiliários reduziu o número de usuários sentados. Um dos comentários feitos pelos frequentadores era que o local escolhido para a intervenção fica visualmente obstruído pela igreja. Por exemplo, os frequentadores da Galeria do Rock não conseguiam ver esse espaço. Caso a intervenção fosse ampliada em uma área mais visível da praça, criaria melhor relação com o entorno imediato e tornar o espaço público mais convidativo (SÃO PAULO, 2017b).

O relatório concluiu que o aumento do número de usuários em situação de rua foi uma das questões que influenciam as avaliações negativas do projeto. No entanto, ressaltava a necessidade de promover diversidade social nos espaços públicos, onde pessoas de diferentes contextos possam se sentir confortáveis em conviver com um outro no mesmo ambiente (SÃO PAULO, 2017b).

Através da visita de campo, é possível perceber os esqueletos do deque de madeira, embora deteriorados devido à falta de manutenção. O espaço não possui a mesma configuração, o público é excessivamente masculino, com a presença de uma viatura policial, e não se vê mais as crianças, o parquinho ou outras formas de permanência.

Figura 5



Largo do Paissandú – Situação atual, com o mobiliário remanescente do Programa Centro Aberto com sinais de deterioração, pichações e pouca permanência no local.
Fonte: os autores.

LARGO SÃO BENTO - 2016

O local da proposta do Centro Aberto para o Largo São Bento foi um lote entre as Ruas São Bento e Líbero Badaró, utilizado como estacionamento para os órgãos da prefeitura de São Paulo (Figura 6). Ao redor do lote estão os acessos do Metrô São Bento, edifícios comerciais e o Largo São Bento propriamente dito, o Mosteiro de São Bento, uma base da Polícia Militar e o viaduto Santa Ifigênia.

Figura 6

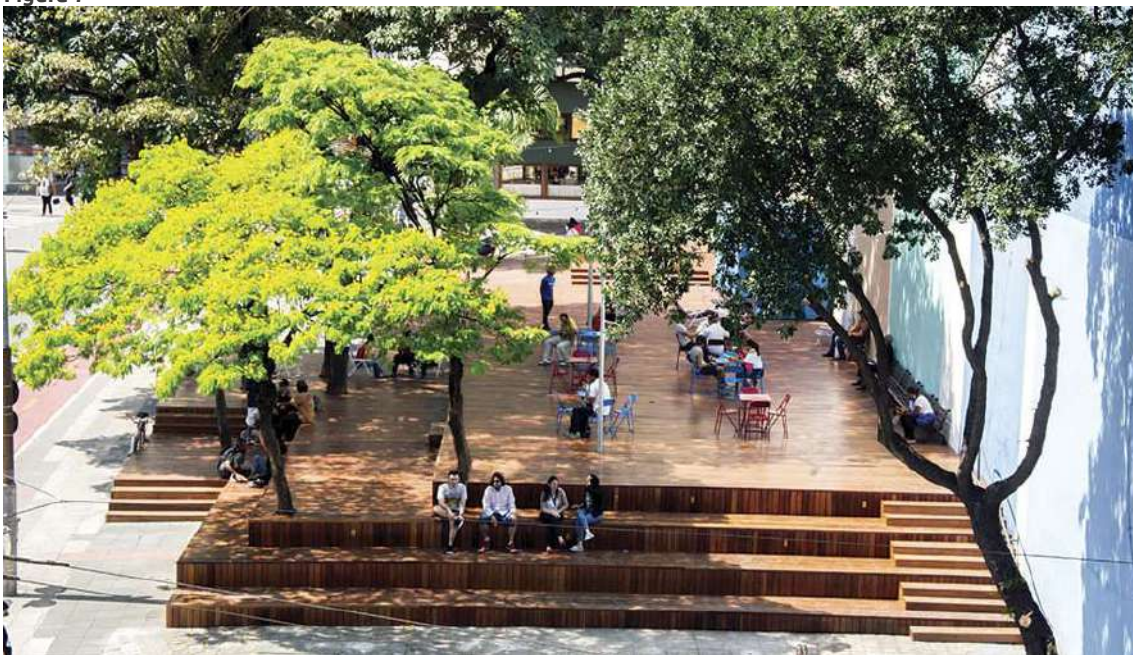


Antes (e) e depois (d) da transformação do estacionamento em espaço público no Largo São Bento.
Fonte: São Paulo (2017c).

Tem fluxo intenso de pedestres devido à presença de órgãos públicos e comércio popular das Ruas 25 de Março e Santa Ifigênia. No local há o tráfego de carros e ônibus na Rua Líbero Badaró e de via de pedestres na Rua São Bento.

O projeto retirou o estacionamento e colocou deque de madeira para ajustar com a topografia inclinada do lote e aproveitando o desnível para instalação de arquibancadas (Figura 7). Houve também a instalação do container para guardar as cadeiras e equipamentos, o alargamento da calçada ao redor do lote e a instalação de um tabuleiro de xadrez com peças gigantes. No imóvel vizinho ao lote, a empena cega foi pintada (SÃO PAULO, 2017c).

Figura 7



Deque implantado no terreno do Largo São Bento.
Fonte: Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, 2017.

Segundo o Relatório Centro Aberto – Largo São Bento, houve aumento de 30% na média dos usuários durante os dias da semana. Se antes 100% das pessoas que estavam no Largo São Bento sentavam improvisamente em locais inadequados, este número reduziu para 29% após a implantação do projeto.

O relatório observou que havia pontos de concentração distintos no Largo São Bento. Enquanto muitos utilizavam o lote requalificado para descansar ou conversar, ao redor do Mosteiro de São Paulo a concentração de pessoas era devido aos ambulantes ali instalados e por ser caminho para ir até as lojas de eletrônicos da Rua Santa Ifigênia.

O lote onde houve as principais ações do Programa Centro Aberto se tornou movimentado de pessoas, usando para descanso após o almoço, conversando ou como ponto de espera pela proximidade de um dos acessos ao Metrô São Bento. Essas ações respondiam por cerca de 47% das atividades realizadas dentro do perímetro de intervenção do Largo São Bento (Figura 8), um número significativo para um lugar que não havia uso antes (SÃO PAULO, 2017c).

Figura 8



Levantamento de frequentadores (pontos) no Largo São Bento e redondezas. Nota-se a concentração deles no novo espaço inaugurado e na entrada do Mosteiro São Bento.
Fonte: São Paulo (2017c).

A percepção de segurança do lugar aumentou de 10% em 2016 para 71% um ano depois, com 87% consideraram bom andar pelo lugar e após a implantação da faixa de pedestres, 49% das pessoas passaram a utilizá-la. No total, 96% dos entrevistados aprovaram as intervenções no local (SÃO PAULO, 2017c).

Mesmo com a mudança de gestão em 2017, o local continuava sendo utilizado maciçamente pelos pedestres. Entretanto, uma série de acontecimentos reduziram gradativamente as pessoas no local. Primeiro foi com a remoção do gestor responsável pelo recolhimento das cadeiras e que observava as ações no local. Posteriormente começaram os problemas de acúmulo de sujeira, pichações e da necessidade de manutenção dos equipamentos, principalmente do deque. Posteriormente, os moradores de rua com suas barracas se instalaram no deque. Em 2023 o local foi cercado pela prefeitura com tapumes metálicos e transformado o local em canteiro de obras do projeto da troca de piso nos calçadões do Centro Velho (Figura 9).

Figura 9



Largo São Bento atualmente, transformado em canteiro de obras, com tapumes e barracas dos moradores de rua.
Fonte: os autores.

O abandono do Programa Centro Aberto no Largo São Bento reforça que a quebra da continuidade da gestão do espaço público pode ser prejudicial para a apropriação do mesmo. A presença de um gestor ainda é vital para a manutenção do local até houver a consolidação da apropriação do lugar como espaço público pelos frequentadores. Não houve ação de buscar soluções alternativas para a gestão do lugar, como parcerias público-privadas na qual o privado poderia usar o local em troca da manutenção.

LARGO SÃO FRANCISCO | PRAÇA DO OUVIDOR PACHECO E SILVA - 2014/2015

A Praça do Ouvidor Pacheco está adjacente ao Largo São Francisco e foi remodelada na década de 1970 com a construção da Linha 1 do Metrô. Parte da praça foi destinada para os dutos de ventilação do túnel do metrô. O objetivo do poder público era reduzir os custos de manutenção da área, mas a decisão de cercar o espaço resultou em seu abandono. As grades criaram uma sensação de insegurança, dificultando a visibilidade (SÃO PAULO, 2017d).

Assim como o Largo do Paissandú, a Praça do Ouvidor Pacheco e Silva passou por Fase de Teste antes da implantação permanente. A Fase Teste resultou em um aumento significativo no número médio de frequentadores: na fase de teste, houve um crescimento de 55%, e após a implementação permanente, esse número subiu para 135%. A média de frequentadores por hora passou de 68 para 103 pessoas na fase de teste e 160 na fase permanente, durante os dias úteis (SÃO PAULO, 2017d).

A proposta do Programa Centro Aberto foi reativar esse espaço, melhorar a travessia entre a praça e o prédio da Faculdade de Direito da USP e incentivar a permanência dos visitantes (Figura 10). As estratégias de qualificação do espaço envolveram a instalação de mobiliário

urbano (Figura 11), a promoção de atividades culturais em parceria com a Secretaria da Cultura, com objetivo de ter programações tanto de dia quanto à noite (SÃO PAULO, 2017d).

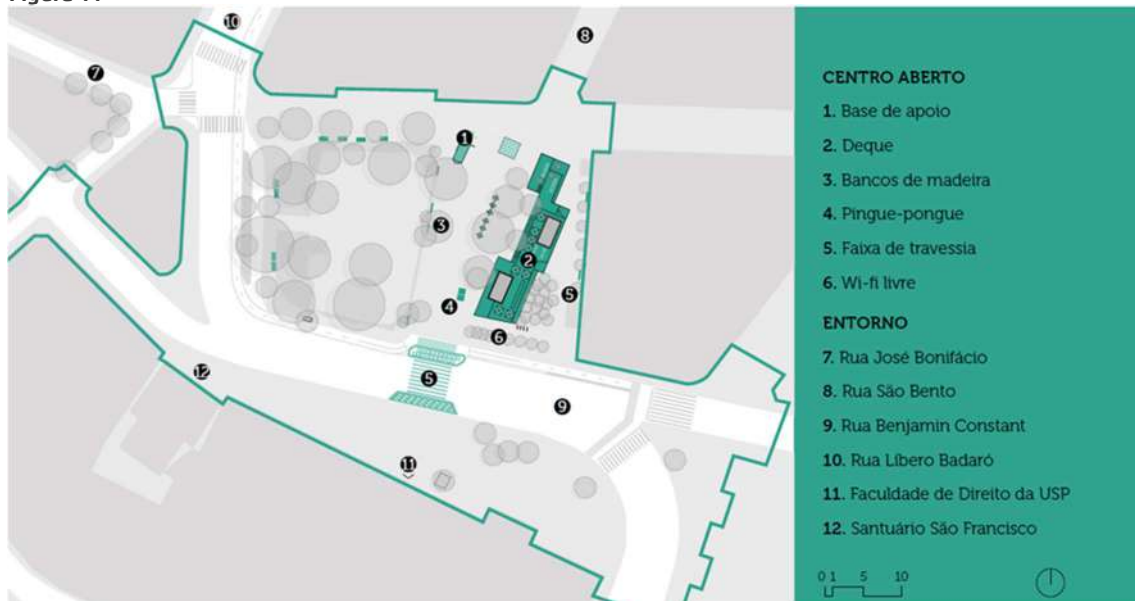
Figura 10



Antes (e) e depois (d) das intervenções no Largo São Francisco / Praça Ouvidor Pacheco e Silva. Nota-se a instalação de deque, a redução de faixa de rolagem de quatro para três com a criação de um canteiro central, faixa de pedestre e o alargamento da calçada no local do estacionamento.

Fonte: São Paulo (2017d).

Figura 11



Implantação do Programa Centro Aberto junto ao Largo São Francisco / Praça Ouvidor Pacheco e Silva. Observa-se a criação de uma nova faixa de pedestre, além da possibilidade de cruzar a quadra por meio da intervenção.

Fonte: São Paulo (2017d).

Foi instalado deque de madeira conectando a Rua José Bonifácio à Rua Benjamin Constant, além de transformar muretas em bancos, a instalação de mesa de ping-pong, Wi-Fi gratuito e uma tela de projeção pintada na empena do edifício adjacente à praça, destinada a apoiar as sessões de cinema ao ar livre (Figura 12). Foi instalado também um container para o armazenamento dos mobiliários portáteis (SÃO PAULO, 2017d).

Figura 12



Atividades culturais noturnas, como cinema ao ar livre, incentivavam o local mesmo fora do horário comercial. Fonte: Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, 2017.

Apenas com a implantação da faixa de pedestres para promover a travessia mais segura com à Faculdade de Direito da USP, houve aumento significativo nas travessias seguras, passando de 95 para 162 pessoas por hora circulando com mais segurança. Foram usadas estratégias de urbanismo tático no local, como faixa de pedestre para travessia mais segura, paraciclos, pontos para bicicletas compartilhadas, balizadores, vasos e pintura no asfalto para diminuir a pista de rolamento dos veículos (SÃO PAULO, 2017d).

Posteriormente, a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) removeu esses elementos de apoio à travessia, mantendo apenas a pintura. O resultado foi que a ausência destes elementos aumentou a percepção de insegurança de cruzar a via, levando a queda no número de travessias (SÃO PAULO, 2017d).

O perfil demográfico do Largo São Francisco foi semelhante ao do Largo do Paissandú, com a maioria dos frequentadores sendo homens entre 15 e 64 anos. Em geral, a presença masculina representava 80% do público, exceto durante o horário de almoço, quando esse número caía para 60%, com um aumento notável no público feminino. Nos finais de semana, exceto entre 11h e 14h, o público masculino alcançava 90% (SÃO PAULO, 2017d).

A pesquisa mapeou o perfil de atividades do deque, revelando que, durante os dias úteis, as principais atividades eram jogos e uso de celulares. Notou-se que, durante o horário de almoço, o mobiliário portátil era amplamente utilizado para refeições, e as cadeiras de praia permitiam a realocação em busca de sombra e conforto (SÃO PAULO, 2017d).

Foram realizadas entrevistas com 111 frequentadores, dos quais 59% eram homens. Dos entrevistados, 96% consideraram o espaço convidativo para permanência, 76% acharam a

quantidade de pessoas adequada, 86% avaliaram a circulação como "muito boa" ou "boa", e 87% consideraram a intervenção "muito boa" ou "boa"(SÃO PAULO, 2017d).

As alternativas mais bem avaliadas foram os mobiliários fixos e portáteis, o deque e a mesa de pingue-pongue. Além disso, devido à proximidade com a casa de abrigo para imigrantes, parte dos usuários entrevistados eram imigrantes que relataram utilizar o espaço para descansar, lazer, uso do Wi-Fi e realizar interações com amigos e parentes. Por isso, o relatório sugere que promover ações culturais na unidade pode ser uma ótima maneira de integrar diferentes culturas e nacionalidades (SÃO PAULO, 2017d). O relatório também destacou que parte dos frequentadores eram moradores de ocupações nos prédios ao redor, gerando uma demanda por espaços lúdicos para crianças. Por fim, sugere-se o retorno da programação cultural, que se mostrou eficaz para a ativação do espaço (SÃO PAULO, 2017d).

Assim como o Largo São Bento, o local passou por questões semelhantes até a sua desativação, como a retirada do funcionário responsável pelo local e dos mobiliários portáteis, o uso exclusivo por moradores de rua, a interrupção de atividades culturais - como a exibição de cinema ao ar livre, falta de manutenção, sujeira e pichações. Atualmente, encontra-se fechado pela prefeitura e está sendo utilizado como canteiro de obras (Figura 13) para apoiar o projeto de reforma dos calçadões do Centro Velho.

Figura 13



Largo São Francisco atualmente. Assim como no Largo São Bento, a área de intervenção se tornou canteiro de obras. Fonte: os autores.

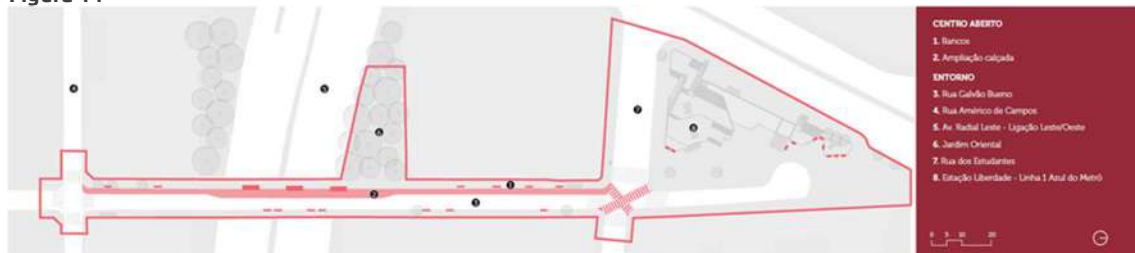
RUA GALVÃO BUENO - 2016

A Rua Galvão Bueno é um importante eixo comercial da Liberdade, ligando a estação de metrô homônima com o centro do bairro. Anteriormente, a rua contava com uma faixa de rolamento e uma faixa de estacionamento de carros, motos e veículos de carga. Por ser considerado um bairro com alta concentração de orientais, há uma atratividade de turistas, que resultam em movimento de pessoas superior à capacidade das calçadas, com muitos frequentadores andando no leito carroçável e disputando o espaço com os veículos em circulação.

Em levantamento em parceria com a CET, foi constatado que cerca de 64 mil pessoas transitavam a pé pela Rua Galvão Bueno, enquanto o número de veículos e motos chegavam a 4 mil, demonstrando que a demanda por espaço para pedestres é significativamente maior do que para veículos, embora, na prática, a situação fosse inversa (SÃO PAULO, 2017e).

A estratégia principal foi transformar parte da rua em calçadão. No trecho sob o viaduto, as vagas de estacionamento foram removidas e as vagas de carga e descarga foram realocadas próximo à Rua Américo de Campos (Figura 14). Inicialmente, a proposta para os finais de semana era de uso exclusivo para pedestres, mas essa medida não foi viável na época por motivos operacionais (SÃO PAULO, 2017e).

Figura 14



Implantação do Programa Centro Aberto junto a Rua Galvão Bueno. Ao contrário das outras áreas, as intervenções foram concentradas na ampliação da área de pedestres, faixas de pedestres e bancos.

Fonte: São Paulo (2017e).

Além do alargamento da calçada para melhorar a circulação, foram instalados bancos de madeira (Figura 15), proporcionando locais para permanência, descanso, interação e refeições ao ar livre (SÃO PAULO, 2017e). Diferente das outras áreas, a Rua Galvão Bueno já era um espaço ativo, especialmente devido ao comércio de produtos orientais, eventos da cultura *geek* e polo gastronômico.

Figura 15



Intervenção na Rua Galvão Bueno: no lugar da faixa de estacionamento, foram colocados bancos, balizadores e a pintura do asfalto para a circulação de pedestres.

Fonte: Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, 2017.

Observou-se uma redução significativa de pedestres transitando pelo leito carroçável: durante a semana, a diminuição foi de 86%, passando de 912 para 126 pedestres por hora. Aos domingos, a redução foi de 65%, caindo de 3.138 para 1.116 pedestres por hora (SÃO PAULO, 2017e).

A maioria dos comerciantes se posicionaram favoravelmente ao alargamento da calçada, apoiando a alteração parcial do fluxo. A instalação de bancos proporcionou o aumento de permanência no local: a média de frequentadores por hora subiu de 66 para 99 nos dias úteis (SÃO PAULO, 2017e).

Houve dois impactos com a implantação do Programa Centro Aberto no local: aumento no número de camelôs nos dias úteis e a ampliação dos horários do Jardim Oriental em 2016. No entanto, em 2017 houve redução no número de frequentadores no Jardim Oriental, provavelmente devido à remoção de mobiliários e à suspensão de atividades comerciais que ocorriam dentro do espaço (SÃO PAULO, 2017e).

Entre os cinco projetos do Programa do Centro Aberto, o da Rua Galvão Bueno é o que teve mais êxito na requalificação do espaço público. Ao contrário do Centro Velho, a Liberdade é um bairro com boa diversidade de atividades comerciais e de habitação. Há o componente de atratividade turística devido à presença de elementos da cultura oriental e o apoio dos comerciantes no local. O sucesso da intervenção foi proporcionar melhor caminhabilidade e segurança para os frequentadores do local e, em outubro de 2023, a Rua Galvão Bueno e mais algumas da região³ foram incluídas no Programa Ruas Abertas, em que há proibição de veículos entre 09h e 20h, devido ao fluxo intenso de pessoas no local.

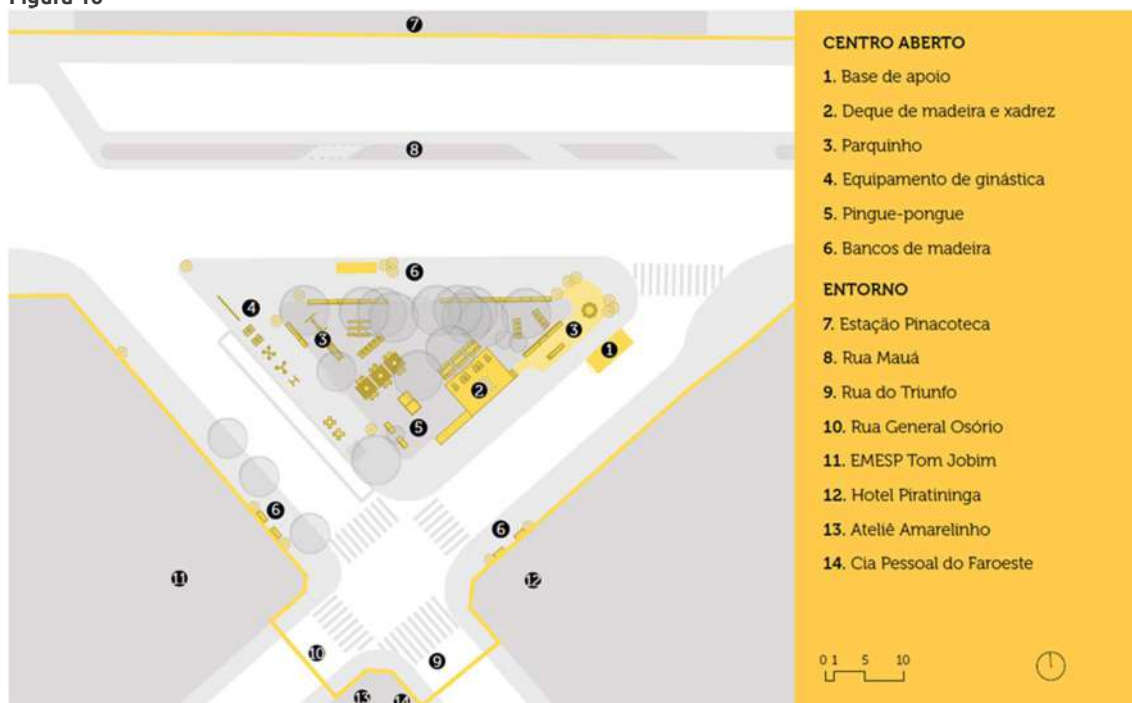
LARGO GENERAL OSÓRIO - 2016

O Largo General Osório está situado na região da Luz, próximo de equipamentos culturais, como a Estação Pinacoteca, a Escola de Música do Estado de São Paulo – EMESP Tom Jobim, a Sala São Paulo, a Secretaria de Estado da Cultura e o Museu da Língua Portuguesa.

Apesar da diversidade de equipamentos culturais, a região é caracterizada pelos problemas relacionados ao consumo e tráfico de drogas e à prostituição, além de moradores de rua.

As diretrizes para o local tinham como objetivo promover a apropriação da praça, tornando-a um espaço para contemplação, de apoio às artes, ao lazer, brincadeiras e descanso (Figura 16). O objetivo principal foi qualificar o espaço para o uso de crianças e jovens, que seriam estratégias para promover uma melhor sensação de segurança, pois o movimento de crianças e seus responsáveis inibiriam práticas ilícitas no entorno (SÃO PAULO, 2017a).

Figura 16



Apesar de se localizar em frente de diversos equipamentos culturais, o Programa Centro Aberto no Largo General Osório encontra-se deteriorada.

Fonte: São Paulo (2017a).

A parceria para a implantação foi em conjunto com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS). Entre as estratégias adotadas, destacam-se a instalação de bancos nas bordas do canteiro e nas calçadas, mesas de piquenique e ping-pong, além de mobiliários portáteis disponibilizados por monitores (SÃO PAULO, 2017a).

Um deque de madeira foi instalado no interior da praça, permitindo usos, como jogos e palco para apresentações ao ar livre (Figura 17). Também foram instalados equipamentos de ginástica, parquinho e um tabuleiro de xadrez gigante. Uma das diretrizes incluía o fechamento da Rua General Osório para uso exclusivo de pedestres, mas essa ação não foi implementada (SÃO PAULO, 2017a).

Figura 17



Antes (e) e depois (d) das intervenções no Largo General Osório. As intervenções resultaram em pouco acréscimo no número de pessoas.

Fonte: Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, 2017.

Comparando com outras unidades do centro, a média de frequentadores por hora teve menor impacto, passando de 31,4 para 35,7 nos dias úteis e de 46,6 para 33,8 nos finais de semana (SÃO PAULO, 2017a).

Entre os resultados positivos, destacam-se a redução da porcentagem de pessoas em pé ou em assentos improvisados e o surgimento de novas formas de utilização do espaço, como atividades físicas. Verificou o aumento de permanência e de ampliação de horários pelas crianças, que usavam o local principalmente no final da tarde durante os dias úteis, e entre 13h e 19h nos finais de semana (SÃO PAULO, 2017a).

Aproximadamente 85% dos frequentadores avaliaram o espaço de forma positiva, considerando-o convidativo para permanência, e 61% o consideraram positivo para circulação. No entanto, 41% ainda o consideram inseguro e apenas 33% o percebiam como seguro. As entrevistas com comerciantes de oito estabelecimentos mostraram que todos eram a favor do projeto; sete avaliaram a intervenção como "boa", e um deles mencionou que a intervenção teve impacto positivo no faturamento (SÃO PAULO, 2017a).

As avaliações mais positivas foram em relação ao parquinho, ao mobiliário e à mesa de ping pong. As sugestões apontaram para a necessidade de manutenção e limpeza, aumento da segurança e policiamento, além de mais brinquedos (SÃO PAULO, 2017a).

As conclusões da pesquisa reforçaram a necessidade do fechamento parcial da Rua General Osório, uma vez que isso não impactaria as atividades cotidianas, considerando a pequena circulação de veículos. Sugeriu também a instalação de Wi-Fi gratuito, que poderia atrair mais pessoas para a praça, além da alteração da localização do container da base de apoio, que prejudicava a visibilidade do projeto (SÃO PAULO, 2017a).

Identificou-se a necessidade de melhorar as travessias fora da faixa, que continuavam a ocorrer na Rua Mauá. Comparada aos outros projetos do Programa Centro Aberto, essa região possui um histórico maior de criminalidade, exigindo ações mais complexas e assertivas do que a simples manutenção do local (SÃO PAULO, 2017a).

A unidade do Largo General Osório possui características semelhantes com a do Largo do Paissandu. É possível identificar os remanescentes do mobiliário e dos brinquedos, em ambos o público é extremamente homogêneo, e não se percebe mais a interação de jovens e crianças, além da falta de manutenção, remoção dos mobiliários portáteis, do funcionário do local e a sujeira.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Em comum às propostas do Centro Aberto, a maioria das intervenções envolviam basicamente a construção de deques de madeira, a utilização de cadeiras dobráveis e container para a guarda das cadeiras. Em algumas delas tiveram intervenções no leito carroçável, com a criação de faixas de pedestres, áreas para aluguéis de bicicletas e pintura no asfalto como extensão da calçada para os pedestres. Algumas estratégias eram aplicadas pontualmente, como as mesas de tênis de mesa e parquinho (Quadro 1).

Quadro 1

		LARGO GENERAL OSÓRIO	RUA GALVÃO BUENO	LARGO DO PAISSANDU	LARGO SÃO BENTO	LARGO SÃO FRANCISCO
OBJETIVO	Priorização do Pedestre					
	Proporcionar espaço para permanência					
	Qualificar espaço para jovens e crianças					
	Aumento da percepção da segurança					
	Novas atividades no espaço					
	Lugar apropriado para sentar-se					
	Aumento da travessia segura					
	Redução do mal cheiro					
	Integração com entorno cultural					
	Aumento do horário de apropriação					
PROJETO	Deque de madeira					
	Container Base de Apoio					
	Alargamento da Calçada					
	Xadrez com peças gigantes					
	Cinema ao ar livre					

	Faixa de Travessia					
	Parquinho					
	WIFI-Livre					
	Iluminação					
	Sanitários Públicos					
	Atividades Culturais (apresentações de teatro, Shows e feiras gastronômicas)					
	Mesa de Pingue-pongue					
	Mobiliário Portátil					
	Pontos para bicicletas compartilhadas					
	Vasos e Balizadores					
	Remoção das vagas de estacionamento					
	Realocação das vagas de carga e descarga					
	Bancos de madeira					
	Equipamentos de Ginástica					
	Pintura na Empena Cega					
	Mesas de piquenique					
OBJETIVOS ATINGIDOS	Aumento da Permanência					
	Redução de lugares improvisados para sentar-se					
	Aumento da Percepção de Segurança					
	Aumento das travessias seguras					
	Diminuição de pedestres transitando pelo leito carroçável					
	Aumento da presença de crianças					
	A média de frequentadores por hora teve menor impacto comparadas às outras áreas					
ATIVIDADES	Descansar					
	Conversar					
	Comércio ambulante					
	Brincar					
	Uso de celular					
	Refeição					
	Atividades Culturais					
USO ENTORNO	Escritórios					
	Órgãos Públicos - Serviços					
	Comércio					
	Metrô					
	Ocupações					
	Habitações					
	Galerias e Equipamentos culturais					
	Edifícios de Educação					
	Edifícios de Educação					
	Comércio Ambulante					

	Grupos Artísticos					
OBSERVAÇÕES EM CAMPO	Crianças					
	Presença Majoritária masculina na Faixa de 30 a 64 anos					
	Jovens					
	Idosos					
	Drogas					
	Prostituição					
	Comércio de Produtos Roubados					
	Moradores de Rua					
RESULTADOS DA PESQUISA	Remoção do Funcionário Responsável pelo Local					
	Sujeira					
	Pichações					
	Falta de manutenção dos equipamentos					
	Uso exclusivo moradores de rua e barracas no deque					
	Cercamento					
	Percepção de insegurança					
	CET removeu parte dos elementos de apoio à travessia					
	Aumento do número de vendedores ambulantes					
	Remoção de mobiliários e suspensão de atividades comerciais no Jardim Oriental					
	Apoio dos comerciantes					
	Necessidade de bebedouros e lixeiras					

Comparação das Áreas de Intervenção.
Fonte: elaborada pelos autores.

A gestão do Programa Centro Aberto apoiou em quatro eixos: i) zeladoria, limpeza e boa manutenção passavam a imagem de um lugar seguro e organizado; ii) monitoria, com monitor recebendo críticas, sugestões e dando informações para os usuários; iii) mobiliário portátil, permite que as pessoas organizassem seus espaços conforme suas necessidades; iv) apoio à equipe de campo, por meio de centralização das informações e administração das demandas.

Além de intervenções físicas, o Programa Centro Aberto estimulou ações de ativação do espaço público, como a realização de eventos culturais como apresentação de filmes, de artistas de ruas e de gastronomia. Posteriormente o objetivo era que as estruturas provisórias fossem substituídas por instalações permanentes. Não havia prazo de temporalidade das estruturas provisórias, que poderiam variar conforme cada projeto.

Essas iniciativas seguem, em grande parte, os conceitos e a metodologia desenvolvidos pelo Gehl Institute (2017), que enfatiza a importância da análise quantitativa e qualitativa dos espaços, por meio de métricas com foco nas pessoas, convidando à participação da comunidade, além de promover a experimentação como um meio de diálogo com a população, permitindo compreender suas necessidades diárias e como os usuários reagem a cada experiência (GEHL INSTITUTE, 2017). É importante ressaltar que as análises de Gehl foram aplicadas principalmente em países do Hemisfério Norte, onde o contexto social é

diferente da realidade paulistana, onde prevalece a descontinuidade das políticas de gestão pública e a desigualdade social, refletida nos índices de segurança e no número crescente de moradores de rua. Portanto, a metodologia de Gehl não pode ser aplicada integralmente no contexto paulistano.

Os recursos investidos e o período da fase de experimentação demonstraram, em sua maioria, resultados positivos na permanência e aceitação do lugar pelos frequentadores.

A mudança de governo em 2017 fez com que as ações nas cinco unidades do Programa Centro Aberto fossem sendo gradativamente reduzidas, alteradas ou até mesmo desativadas para serem usadas como canteiros de obras. O programa ainda existe na Prefeitura de São Paulo, com novas áreas que vão desde centrais até periféricas, como Campo Limpo, Itaquera e Freguesia do Ó, porém de forma diferente a que foi concebida e sem a adoção de parâmetros para avaliação e pesquisa das intervenções.

Apesar da falta de espaços adequados para sentar e permanecer, os frequentadores ocupam locais improvisados, demonstrando a necessidade de intervenções efetivas no centro. A questão da insegurança ainda é um dos fatores que inibem a permanência das pessoas no Centro Velho, e para melhorar a segurança são necessárias ações complexas, articuladas e de longo prazo que vão além da implantação e requalificação dos espaços públicos. A própria cidade de São Paulo tem experiência de que a simples implantação de um equipamento ou espaço público não é suficiente para requalificar um determinado lugar.

O Programa Centro Aberto tem um aspecto simbólico importante na política dos espaços públicos pois, a partir do momento que uma área anteriormente cercada é aberta para o público com a promoção de ações de permanência, mostra que há uma priorização da inclusão de pessoas em relação às políticas que estimulavam a segregação. Há revés, como o uso de alguns lugares como canteiro de obras, entretanto as políticas públicas não são processos lineares e ascendentes, mas ocorrem ora avanços, ora recuos. Por último, o Programa Centro Aberto demonstra o quanto é importante a avaliação pós-implantação para analisar a pertinência das estratégias utilizadas, de forma a criar repertório para aplicação em outros projetos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

BARRETO, Jule. **O problema: o apogeu e a crise dos calçadões no centro**. In: LEME, Mônica Bueno; VENTURA, David Vital Brasil (coords). *O calçadão em questão: 20 anos de experiência do calçadão paulistano*. São Paulo, Belas Artes, 2000.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas / Jan Gehl**. Tradução: Anita di Marco. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

GEHL INSTITUTE. **A mayor's guide to public life**. New York, NY, 2017. Disponível em: <https://www.micd.org/wp-content/uploads/2018/01/MAYORS_GUIDE_Complete.pdf>. Acesso: 10 de novembro de 2024.

GLOBAL DESIGNING CITIES INITIATIVE (GDCI). **Guia global de desenho de ruas / Global Designing Cities Initiative**. National Association of City Transportation Officials; Tradução de Daniela Tiemi Nishimi de Oliveira - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2018.

GONÇALVES, Fábio Mariz. **Rua, o lugar da vida pública: conceitos, especificidades e desafios**. Tese (Livre Docência em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-20072022-100807/pt-br.php>>. Acesso: 10 de novembro de 2024.

OUROUSSOFF, Nicolai. **Lose the Traffic. Keep That Times Square Grit. Nova Iorque: New York Times**, Edição de 25 de maio de 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/05/26/arts/design/26clos.html>. Acesso em 02 de novembro de 2024.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. 2012. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-07122016-101803/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SÃO PAULO (Cidade). **Centro Aberto: Experiências na Escala Humana**. São Paulo, Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. 2015. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/Centro_Aberto_Pub.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2015. Acesso: 06 de novembro de 2024.

_____. **Centro, Diálogo Aberto**. São Paulo, Gestão Urbana, 2013. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/brochura_cda_7_10_13.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2013. Acesso: 06 de novembro de 2024.

_____. **Relatório Centro Aberto – Largo General Osório**. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/05_LGO2_fasciculo_2017-12.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2017a. Acesso: 04 de novembro de 2024.

_____. **Relatório Centro Aberto – Largo do Paissandú**. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/05_LGO2_fasciculo_2017-12.pdf>.

content/uploads/2017/12/07_SJP2_fasciculo_2017-12.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2017b. Acesso: 04 de novembro de 2024.

_____. **Relatório Centro Aberto – Largo São Bento.** Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/03_LSB2_fasciculo_2017-12.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2017c. Acesso: 04 de novembro de 2024.

_____. **Relatório Centro Aberto – Largo São Francisco.** Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/06_LSF2_fasciculo_2017-12.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2017d. Acesso: 04 de novembro de 2024.

_____. **Relatório Centro Aberto – Rua Galvão Bueno.** Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/04_GVB2_fasciculo_2017-12.pdf>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Novembro de 2017e. Acesso: 04 de novembro de 2024.

_____. **Requalificação dos calçadões.** São Paulo, Gestão Urbana. Disponível em: <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/projetos-urbanos/calcadoes/>>. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. S/D. Acesso: 10 de novembro de 2024.

¹ Entende-se aqui o Centro Velho como a região denominada “colina histórica” ou “triângulo histórico”, delimitado pelo Largo São Francisco, Largo São Bento, Pátio do Colégio e seu entorno adjacente.

² Centro Novo é a designação da região atual da República. Foi desbravada no final do Século XIX, quando os viadutos do Chã e Santa Ifigênia interligaram a área com o Centro Velho em nível sobre o Vale do Anhangabaú.

³ Além da Rua Galvão Bueno, fazem parte do programa trechos das Ruas dos Estudantes, dos Aflitos, e Américo de Campos.